

## Brasil na Arquibancada: tradições, identidades e sociabilidades

Bruno Jeuken Souza e Victor Sá Ramalho Antônio

---



**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1445>

DOI: 10.4000/pontourbe.1445

ISSN: 1981-3341

**Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

**Edição impressa**

ISBN: 1981-3341

**Referência eletrónica**

Bruno Jeuken Souza e Victor Sá Ramalho Antônio, « Brasil na Arquibancada: tradições, identidades e sociabilidades », *Ponto Urbe* [Online], 14 | 2014, posto online no dia 31 julho 2014, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1445> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1445

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

---

# Brasil na Arquibancada: tradições, identidades e sociabilidades

Bruno Jeuken Souza and Victor Sá Ramalho Antônio

---

## Apresentação

- 1 O futebol é polissêmico, pode ser apropriado de diversas formas pelos mais variados grupos. Explicar o futebol limitando seu sentido, seu pertencimento a um único aspecto, a um único grupo ou época é castrá-lo, é limitar seu potencial enquanto objeto. Perderam a chance aqueles que não torceram, ou disseram não torcer, pelo Brasil na Copa do Mundo de 1970. A ditadura usa o futebol como sua maior propaganda, diziam eles, mas não se apropriaram do futebol brasileiro e perderam uma batalha sem nem lutá-la. No mesmo diapasão, aqueles que consideram o futebol de anos atrás o verdadeiro e único, o jogo dos craques, idealiza um momento e deixa escorrer a riqueza desse tema. Os vários significados do futebol, então, também se fazem presentes nos estudos acadêmicos sobre ele.
- 2 Para aqueles que o estudam, é válido não apenas estudar o campo e bola, mas também a torcida. Não só uma torcida, mas as organizadas e não organizadas, os sócios e não-sócios, os bifiliados e os de uma só camisa, as torcidas do Sudeste e Sul, sim, mas também de todo o país. Foi esse o objetivo do projeto *Brasil na Arquibancada*<sup>1</sup>: com um grupo interdisciplinar de pesquisadores, aventuramo-nos a estudar as torcidas dos quarenta clubes participantes das séries B e C do Campeonato Brasileiro de 2012. Espalhando-se pelas cinco regiões do país, observamos em mais de uma ocasião cada torcida nos jogos disputados em casa. O grupo formado trouxe para o projeto áreas como a psicologia, sociologia, antropologia, história, entre outras, com pesquisadores em vários momentos da carreira, desde graduandos realizando iniciação científica até professores doutores já experientes. O trabalho passava por reuniões, pesquisa de campo, relatórios, entrevistas, vídeos, fotos, e novas reuniões. O material colhido e produzido é riquíssimo e, tanto quanto a própria experiência de campo, abre um número incrível de objetos de estudo.

- 3 A escolha metodológica por torcidas das séries B e C favoreceu um cenário marginal ao pretensamente homogêneo e pasteurizado futebol das arenas “estádio-teatro”, parte de um processo maior, de clientelização do torcedor e padronização da sociabilidade torcedora atualmente em processo. Dessa forma, ainda que mantivéssemos a estrutura e a dinâmica da série A em mente, até como contraponto, nos afastamos de um modelo mais hegemônico de futebol, já em vias de se tornar um espetáculo silencioso, branco, rico e consumista, como já visto em outras partes do mundo. A elite do futebol, com mais cobertura da mídia, estádios sendo reformados ou construídos para que todos fiquem sentados e consumam antes, durante e depois dos jogos, está por se tornar também a elite da arquibancada. Buscávamos outra sociabilidade, também presente nos clubes da elite, mas muito menos evidente. Acompanhando campeonatos com menor cobertura jornalística, menor capital, menor apelo nacional, encontramos o campo de pesquisa que desejávamos para o projeto.
- 4 Nas arquibancadas dos clubes tidos como pequenos, radicados nos mais diversos *Brasis*, pudemos problematizar a homogeneização atualmente apregoada. Torcidas matriarcais em Marabá, uma predominância de mulheres na arquibancada de Florianópolis, barra bravas em Criciúma, torcidas profissionais de um clube eleitoreiro em Barueri, uma torcida abandonada pelo clube em Guaratinguetá, os discursos elitista e popular antepostos em América e ABC em Natal, a emulação de um suposto modelo paulista em Curitiba, a torcida do agronegócio em Lucas do Rio Verde, uma arquibancada tão recente a ponto de ainda não ter escolhido seu principal rival, resistências regionais de norte a sul.
- 5 O andamento das pesquisas colocou à prova diversas ideias já estabelecidas sobre a torcida brasileira, sobre as características dos torcedores de cada região do país, sobre as identidades clubísticas e torcedoras. Se vimos como a televisão e o rádio espalharam torcedores de times do Sudeste pelo Norte e Nordeste, vimos também a resistência atual, por exemplo, em uma camisa do Ceará que diz “Eu escolhi meu time, a mídia escolheu o seu”. Se observamos torcidas organizadas dos clubes que disputavam a vitória em campo convivendo harmoniosamente, em festa, com uma aliança já estabelecida, vimos também essas mesmas torcidas adotarem a rivalidade de seu aliado, o que acaba por fazer de uma torcida do Ceará arquirrival de outra em Recife, Salvador ou mesmo Curitiba.
- 6 Como escreve Arlei Damo no artigo “*O Espetáculo das Identidades e Alteridades: as lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro*”<sup>2</sup>, quando analisa diversos pontos de vista sobre o futebol, desde os intelectuais até os comentaristas esportivos, não se trata de sobrepor as Ciências Sociais como superiores a qualquer outra interpretação do futebol, incluindo aqui a fruição do esporte diferente para cada grupo de torcedores, mas sim da análise de como são articulados esses diferentes pontos de vista daqueles que estão efetivamente envolvidos. Como sugerido, olhamos “mais para as arquibancadas – ou para as poltronas de casa, mesas de bar, enfim, para onde está o público – e menos para dentro do campo”<sup>3</sup>.
- 7 Tentamos observar não como o jogo influi no público, ou seja, não partimos do futebol que se pratica nas séries B e C, mas como o público influi no jogo e o que o jogo significa para esse público. Quero dizer: como a torcida constrói o que é um jogo de série B e o que é um jogo de série C, com mais atenção a tudo aquilo que se mostra diferente da asséptica série A. Essa influência da torcida na construção do ritual inclui: o capital emocional, simbólico, econômico e social de cada grupo dentro das torcidas, assim como suas

expectativas, identidades e discursos diferentes, unidos ou separados, bem ou mal, por um escudo de clube.

## Identidade clubística e sociabilidade torcedora

- 8 Arlei Damo fala da relação da torcida com os jogadores em campo como um *círculo de reciprocidade*<sup>4</sup>. Os torcedores “doam poder” enquanto os jogadores são “investidos de poder”. A profissionalização e a espetacularização incluíram nessa relação o dinheiro, recebido pelos jogadores na forma de salário e de “bicho”<sup>5</sup>, além de investido pelos torcedores, para comprar a roupa do ritual, pagar seu ingresso e, em alguns casos, associar-se ao clube, transferindo-se a outra categoria de torcedor. Essa reciprocidade constrói uma economia moral, política, emocional, simbólica e, enfim, monetária.
- 9 Outra relação da torcida, além daquela com o time, se faz com os seus adversários, tanto o time quanto os torcedores rivais. Nesse caso, a identidade é construída por assimetria, dividindo, pelo menos quando se trata de futebol, a população entre torcedores deste, daquele ou de outro clube. Por fim, há ainda a relação da torcida com ela mesma: os torcedores do camarote com os da arquibancada, os sócios e não sócios, os organizados e não organizados. Não fazemos aqui uma oposição, que traria os torcedores consumidores em uma ponta e os torcedores organizados em outra, não se trata disso. As pessoas circulam por essas sociabilidades torcedoras de forma mais ou menos tranquila dependendo do caso. Um torcedor organizado muitas vezes é sócio do clube; um outro que não seja nem sócio e nem organizado pode assistir a diversos jogos junto da torcida organizada, mas ver a final de campeonato com a família em um camarote. Não há divisões estáticas quando se trata de torcida.
- 10 Nesse cenário, identificamos dois conceitos que serão importantes para o restante do texto: identidade clubística e sociabilidade torcedora. O primeiro deles se trata da identidade compartilhada por aqueles que torcem pelo mesmo clube, construída a partir da origem da agremiação – quem fundou? Quando e onde? –, da sua espacialidade na cidade – em qual bairro fica o estádio? Existe sede social? Onde ela fica? Existe algum bairro com mais torcedores desse clube? Qual? –; dos títulos conquistados, dos grandes ídolos, das cores e da forma-representação<sup>6</sup> predileta por aquela torcida, ou seja, grosso modo, o tipo de futebol que a torcida espera que seja praticado pelo seu time.
- 11 O segundo conceito, sociabilidade torcedora, diz respeito justamente à dinâmica dentro e fora do estádio, o modo como cada parcela da torcida passa pelo ritual que é um jogo de futebol. O que inclui o modo como o torcedor entra na luta por reconhecimento, com enfrentamento físico ou de forma mais simbólica, indo aos estádios ou assistindo pelo sofá. Diferente da identidade clubística, que é única e estabelece necessariamente uma oposição, a sociabilidade torcedora é mais flexível, mais fluída, se altera ao longo do tempo e de acordo com o contexto.

## A bifiliação

- 12 Não é raro de uns anos para cá vermos camisas de times estrangeiros, especialmente europeus, pelas ruas do Brasil. Em meio aos clubes brasileiros aparecem, em vestimentas originais e “alternativas”, Barcelona, Real Madrid, Manchester United, Chelsea, Milan, Paris Saint-Germain. O desfile de camisas acompanha, em certa medida, o sucesso dos

clubes estrangeiros e a presença de ídolos que até ontem o torcedor tinha como seus. A preferência de alguns brasileiros pelo Barcelona foi grande durante seus anos de hegemonia e, agora, pelo menos entre os santistas, cresceu graças à presença de Neymar. O mesmo acontece com Lucas no PSG da França, como aconteceu com Kaká no Milan, e assim por diante. Soma-se a isso a força midiática dos campeonatos e copas da Europa, entre os mais televisionados do mundo e certamente os mais ricos. O espetáculo, a cobertura jornalística em todas as mídias, a riqueza dos clubes e a presença dos maiores craques, muitos deles recém-saídos dos clubes brasileiros, faz com que muitos torcedores brasileiros experimentem ter duas camisas.

- 13 Os pubs de São Paulo ficam cheios de camisas europeias nos dias de Champions League, Premier League, La Liga, ou qualquer outra grande competição europeia. Assim acontece em diversas outras cidades, como é possível notar nas redes sociais que contam com diversos grupos de torcedores como “Arsenal Brasil”, “Bayern Brasil”, “Man United fans”, algo como fã-clubes de brasileiros que vestem uma camisa estrangeira e cantam as músicas de suas torcidas com sincera paixão. O maior campeonato de clubes do mundo, a UEFA Champions League, tem sua fase mais aguda, as finais eliminatórias, dividindo espaço na mídia brasileira com os modorrentos estaduais. Outros campeonatos, especialmente os nacionais, acontecem enquanto o nosso próprio nacional está em férias, ou então tem sua fase de disputas finais enquanto o nosso está começando. O calendário do futebol brasileiro, de forma geral, e o pouco capital para manter e acolher craques prejudicam o futebol do país e espalham camisas exóticas entre as tupiniquins.
- 14 Fenômeno bastante parecido, por ter entre as causas o espaço na mídia (ou a falta dele), o calendário mal planejado e o pouco capital, acontece entre as regiões do Brasil. No Norte, Centro-Oeste e Nordeste, é comum quem alguém torça pelo time local e também por algum do Sul ou Sudeste. Mesmo em estados dessas últimas regiões, mas com um futebol menos relevante nos maiores campeonatos, é comum encontrar torcedores de “duas camisas”, melhor definindo, torcedores bifiliados<sup>7</sup>. As duas bifiliações citadas são parecidas estruturalmente, mas aquela que acontece entre torcidas brasileiras mostra mais focos de resistência, talvez devido à relativa proximidade dos clubes e relação mais direta da bifiliação com um abandono das raízes regionais, enquanto a bifiliação daqueles que torcem por um grande daqui e um grande estrangeiro é fortalecida pela internet, transmissões de televisão, jogos de videogame e facilidade de encontrar camisas europeias em qualquer loja do ramo.
- 15 Encontramos no projeto *Brasil na Arquibancada* um campo privilegiado para o estudo da bifiliação entre torcidas brasileiras. Os pesquisadores acompanharam partidas de futebol em Belém, Fortaleza, Natal, Salgueiro, Juazeiro, Lucas do Rio Verde, Joinville, Guaratinguetá, inúmeras cidades cujos clubes locais disputam menos partidas por ano, em campeonatos de menor valor simbólico e muito menor valor econômico. Foi, portanto, extremamente comum observarmos palmeirenses no Pará, são-paulinos em Alagoas, gremistas no Mato Grosso, flamenguistas no Rio Grande do Norte, vascaínos em Santa Catarina, e assim por diante. Alguns, talvez tentando justificar sua bifiliação, procuram nas cores o motivo de sua torcida: um alvinegro que torce pelo também preto e branco Santos, um tricolor que torce também pelo Fluminense, um rubro-negro que torce também pelo Flamengo.
- 16 Quando se trata de bifiliação, a identidade clubística de times mais fortes nacional e internacionalmente é mais resistente, tende a negar qualquer outra camisa, há a figura do “vira-casaca”. Quanto menor o capital do clube, menos numerosa a torcida, e menor o

valor simbólico dos campeonatos disputados, mais fácil a coletividade da torcida aceita, dentro daquela determinada identidade clubística, a do indivíduo torcedor. De forma parecida, a sociabilidade torcedora dita a aceitação ou resistência ao fenômeno das “duas camisas”.

- 17 O capital simbólico é acumulado por um clube conforme mais tempo passa desde sua fundação; quanto mais títulos conquista e mais vitórias obtém sobre seus rivais, maior o número de torcedores que um clube agrega, em tese. Isso é o que no futebol comumente se chama de “ter camisa”, “camisa pesada” ou de “ter tradição”. No caso dos grandes clubes, o torcedor não organizado de arquibancada também é bastante contrário às duas camisas, mas isso porque a identidade clubística, de um clube tido como grande pelo grande capital simbólico acumulado, o impede. Em clubes considerados menores, os torcedores não organizados da arquibancada aceitam com mais facilidade a bifiliação, sendo eles próprios na maior parte das vezes bifiliados, torcedores de duas camisas. Esse foi o caso mais comum entre os clubes pesquisados: o torcedor cujo clube do coração tem menos capital simbólico acumulado – apesar de eventuais grandes momentos no cenário local –, com uma identidade clubística mais aberta e relativizada, que aceita e assume a bifiliação.
- 18 Há também casos do que chamamos “polifiliação”. Em Marabá, por exemplo, acontece um efeito contrário: a camisa do Águia de Marabá é que figura como a segunda camisa, graças ao grande número de migrantes que se deslocaram à cidade. A constituição da cidade se deu em grandes booms econômicos e demográficos, materializados nas diferentes e quase heterogêneas regiões da cidade: Morada Nova, Nova Marabá, Velha Marabá, são distritos que mostram como essa cidade foi fluída ao longo do tempo, voltando seu crescimento urbano para o lado onde estava a atividade econômica da vez. Houve a Serra dos Carajás, que dobrou a população da cidade, depois o avanço da empresa Vale sobre a região, agora há a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte. A população de Marabá, por isso, é formada majoritariamente por migrantes, pessoas de outras cidades do país que foram ao interior do Pará por conta dos novos postos de trabalho direto ou indireto.
- 19 Isso se refletiu nas torcidas de futebol: encontra-se pernambucanos torcedores do Santa Cruz, que também torcem pelo Flamengo, mas que compõem a arquibancada do Águia de Marabá; assim como um cearense torcedor do Fortaleza, que também torce pelo São Paulo, mas veste a camisa do Águia. Em Marabá, efetivamente se torce por mais de duas camisas, sem que se inclua aqui alianças de torcidas organizadas ou clubes europeus. Na “Capital do Carajás” é possível encontrar torcedores polifiliados. Nesse caso, a camisa do Águia de Marabá aparece como ponto pacífico em uma cidade essencialmente diversa.
- 20 Um último caso de bifiliação é interessante: o Paraná e o Joinville, tricolores de fundação muito recente, têm torcidas que, em certa medida, emulam o São Paulo Futebol Clube. No estudo realizado pelo projeto, notou-se alguns pontos de identidade notáveis ao observador, mas também verbalizados pela própria torcida ao explicar sua bifiliação. No caso do Paraná, o clube é a fusão de outros dois clubes, com alguma semelhança com o São Paulo, nascido a partir de jogadores de dois clubes diferentes, recebendo então o nome do Estado e fardando três cores, da mesma forma que o clube paulista.
- 21 O Joinville vai mais longe, já que, desde a fundação, usa as cores vermelha, branca e preta, justamente as mesmas do clube de referência, além de usar também o nome de sua cidade. Alguns torcedores chegaram a citar as semelhanças de forma mais casual, porém grande parte deles procurando demonstrar sua simpatia. Especialmente no caso do Joinville, há uma enorme quantidade de bifiliados que torcem pelo São Paulo. Indício mais

claro é o nome de uma de suas torcidas organizadas, “Torcida Independente”, exatamente igual ao da maior torcida são-paulina. Esses fatos, somados à quantidade de torcedores de outros clubes paulistas espalhados pelos dois estados (Paraná e Santa Catarina), demonstram que há dois vetores de força representacional nessa região: de um lado o mais claro e óbvio, o Rio Grande do Sul e, de outro, São Paulo.

## Clubes itinerantes e as duas camisas

- 22 Ainda foi possível encontrar um outro caso: torcidas cuja identidade clubística é construída sobre pouquíssimo ou nenhum capital simbólico, casos do Guaratinguetá, do Grêmio Barueri e do Boa Esporte. Estes clubes praticamente não possuem títulos, são muito jovens, com pouca torcida, sem tantas conquistas sobre grandes rivais. Nesses casos, inclusive os torcedores organizados, que teoricamente seriam mais fechados a outras camisas, carregam duas camisas: a filiação é generalizada.
- 23 Isso não significa dizer que um clube afastado do futebol mais espetacularizado e rico não tenha capital simbólico, sem grandes vitórias, momentos históricos e não significa também dizer que as emoções proporcionadas pelos jogos desses clubes não sejam tão fortes quanto as dos clubes de série A. Isso significa dizer que quanto mais valorizado o campeonato, como fosse um consenso de valorização de todas as torcidas, maior o capital simbólico que ele proporciona. É o caso da Libertadores, que financeiramente paga muito pouco aos clubes, menos que alguns campeonatos estaduais, mas é extremamente valorizada por todos os torcedores, de todos os níveis do futebol brasileiro. A identidade clubística passa por isso, por essas conquistas maiores e menores, e acaba se confundindo com a própria história do clube.
- 24 O Guaratinguetá é um clube jovem, com pouquíssimos títulos. Além disso, o empresário dono do clube, seduzido por impostos mais baixos, mudou o time de cidade. Mantendo as cores e o escudo, o clube passou se chamar Americana, deixando a torcida órfã e desnordeada. De volta à cidade de origem pouco mais de um ano depois, o Guaratinguetá é um clube com pouco capital simbólico costurado à sua identidade clubística.
- 25 Havia três torcidas organizadas bem pequenas, uma delas de adultos de classe média, formada pelos funcionários da Escola de Especialistas da Aeronáutica sediada na cidade. Outra, um pouco maior, de jovens, era a única com bateria e um repertório de cantos, e todos emulavam as torcidas da capital. A terceira delas só tinha uma faixa carregada por dois ou três membros. Todos eles, das três organizadas, torciam por grandes clubes de São Paulo ou, no caso dos funcionários da Escola de Especialistas, muitos deles cariocas, também por clubes do Rio de Janeiro.<sup>8</sup>
- 26 O Grêmio Barueri foi fundado em 1989, clube extremamente jovem, formado por um grupo de empresários. Em 2010, houve divergências políticas entre os proprietários e a prefeitura da cidade. Por ser um clube-empresa, não foi problema para os donos levar a sede para Presidente Prudente, no oeste paulista, quando a agremiação se tornou Grêmio Prudente Ltda. Após uma série de péssimos resultados e rebaixamentos, decidiram por bem retornar à cidade de Barueri, claramente atraídos pelo prefeito de Barueri, que buscava ainda antes das eleições trazer o clube para a cidade.
- 27 Esse foi um caso interessantíssimo. A torcida de Barueri tinha para si um clube que, além de ser uma empresa, era também itinerante. A aproximação da torcida fica, evidentemente, afetada, assim como no caso do Guaratinguetá. O que vimos em 2012 foi

um estádio de empresa: novo e reformado, com uma espécie de alambrado de vidro, parecido com uma vitrine, incrustado em uma favela marcando bem a diferença social. Por ser ano eleitoral, e também pelo fato da volta do clube ser pauta de campanha, uma boa parcela da torcida parecia mais cabos eleitorais do que realmente torcedores. Nesse contexto, é de se imaginar, e nós realmente confirmamos, que o fenômeno da bifiliação é completamente generalizado, sendo possível inclusive afirmar que a camisa do Grêmio Barueri figura como a segunda daqueles torcedores.<sup>9</sup>

- 28 O Boa Esporte Clube foi fundado em Ituiutaba-MG em 30 de abril de 1947, ainda com o nome de Boa Vontade Esporte Clube, passando a Ituiutaba Esporte Clube mais tarde. Poderia ser aqui uma história de tradição no futebol mineiro, com uma torcida regional representativa, mas em 2011 a equipe se transfere para Varginha e muda o seu nome para “Boa”, não totalmente estranho por conta do primeiro nome de sua história. Na nova cidade, tenta ainda formar sua base de torcedores.
- 29 Esse caso foi particular para o estudo da bifiliação: os pesquisadores entrevistaram três jovens que assistiam ao jogo do Boa em Varginha e nenhum deles disse torcer pelo clube, apenas insinuaram uma simpatia, a indicar a resposta que receberiam da maior parte daquela torcida. Naquela arquibancada, os xingamentos incluíam “Volta para Ituiutaba!”, grito que demonstra a resistência da torcida brasileira a clubes-empresa itinerantes – algo largamente aceito e comum, por exemplo, nos EUA, onde os clubes são, na verdade, franquias. O que vimos, então, foi uma arquibancada de duas camisas onde a segunda delas é o clube local e, de certa forma, nem isso, já que a maior parte dos torcedores nutrem apenas “uma simpatia pelo Boa”.<sup>10</sup>
- 30 Há, portanto, de acordo com a identidade clubística e a sociabilidade torcedora, uma maior ou menor permeabilidade à bifiliação (ou polifiliação). Em todos os casos, a economia dessas preferências é relativizada pelos torcedores em hierarquias. Não há uma reação estática a essas torcidas, há, isso sim, um desequilíbrio com muitas variáveis, maleáveis de acordo com a movimentação do indivíduo na sociabilidade torcedora na qual está inserido. Esse exercício contínuo da produção de diferença entre os bifiliados, trifiliados ou polifiliados, pode ajudar a esvaziar formas mais belicosas de torcer.

## As torcidas organizadas e suas alianças

- 31 Quando, na segunda metade dos anos sessenta, o modelo de torcida organizada (doravante TO) tomou forma e começou a crescer, muitas das organizadas que tivemos contato no *Brasil na Arquibancada* não estavam nem perto de existir. As primeiras organizadas do país se formaram em São Paulo, Porto Alegre, Rio de Janeiro, com adeptos dos maiores clubes e com maiores torcidas. A violência entre elas se dá por diversos motivos, que passam por uma cultura urbana da segregação, um domínio elitista na sociedade e no futebol, que são causa e consequência da riqueza mal distribuída, passando também pelo policiamento ostensivo, grande parte das vezes estopim dos grandes confrontos.
- 32 Os times da série B ou C, ou melhor, aqueles que mais comumente frequentam os dois campeonatos, passaram a contar com TOs nas arquibancadas em geral nos anos oitenta e noventa, quando as pioneiras já travavam sua luta por reconhecimento de forma física, bélica, marcial. A partir da etnografia feita com os membros de torcidas organizadas, especialmente aqueles sem posição de liderança (já que estes últimos adotam o discurso



oficial da paz entre torcidas), foi possível especular que as torcidas dos times considerados pequenos nasceram emulando o modelo bélico e marcial das TOs já existentes há muitos anos. Dessa forma, as organizadas desses clubes construíram sua identidade e oposição com a intenção do confronto, do embate físico com os rivais, da não aceitação do outro. Mais interessante ainda é notar que, atualmente, justamente entre os times menores, mais afastados do futebol espetacularizado, é que aparecem torcidas com outra abordagem na luta por reconhecimento.

- 33 Para continuar em uma cronologia, a *Gaviões da Fiel* marca sua fundação em 1969, mas deixa claro em seu site que a “ideologia começou a ser pensada antes, em 1965”, a Torcida Jovem do Santos foi fundada no mesmo ano que a rival, já a Jovem do Flamengo é de 1967. As TOs estudadas no projeto são mais recentes, como a *Máfia Vermelha*, do América de Natal, fundada em 1991, ou então a *Cearamor*, do Ceará Sporting Club, cuja organização começa em 1982, um pouco antes da Torcida Bicolor, do Paysandu de Belém, fundada em 1989. A *Mancha Alviverde*, do Palmeiras, foi fundada em 1983, mas o clube já contava com uma organizada desde 1970. Esse segundo período de fundação de TOs no Brasil foi marcado pela violência entre as mais antigas organizadas do Sudeste e Sul em dias de ritual, ou seja, de jogo.
- 34 É notável perceber que a *Mancha Alviverde*, fundada no mesmo período daquelas TOs de clubes menores e de menor torcida, foi criada com a intenção de confrontar os rivais, em especial a *Gaviões da Fiel*. Fenômeno parecido aconteceu na formação das TOs estudadas pelo projeto que, tendo sido criadas em um momento de violência e combate entre torcedores organizados, emularam esse modelo já executado entre as TOs do Sul e Sudeste e também, com algumas particularidades, entre os hooligans na Europa. A motivação, portanto, desde a fundação foi o combate com os rivais. O debate simbólico, a ostentação de conquistas, para uma parcela da torcida, deixou de ser suficiente na luta por reconhecimento, assim como as brigas verbais, as provocações no estádio e as piadas cotidianas. Emulando, então, um modelo de confronto físico, essa parcela da torcida se organizou, seja em Belém, Fortaleza, Natal, Pernambuco ou Florianópolis.
- 35 Há um outro importante aspecto da torcida organizada, voltado quase que completamente ao campo e bola, à torcida pelo clube, e há inclusive torcidas fundadas, essas muito mais recentemente, apenas com esse propósito. Para o clube e para torcedores não organizados, a presença da TO é fundamental, posto que é ela que aquece as arquibancadas, puxa os cantos, o hino, atormenta os rivais e passa confiança aos jogadores. Tivemos a oportunidade de acompanhar um jogo do Fortaleza no qual a TO cumpria uma punição: estava no estádio sem faixa, sem bandeira e sem bateria. Apesar dos gritos e músicas, o estádio se mostrava completamente diferente, frio, com algumas palmas sendo ouvidas nos melhores lances.
- 36 Isso não significa separar o joio do trigo, não significa dizer que há alguns maus elementos, que só sabem brigar e vandalizar, enquanto outros, os “bons torcedores” preferem torcer e cantar pelo time. Essa divisão maniqueísta é típica daqueles que pretendem elitizar e pasteurizar os estádios, transformando os torcedores em clientes, o que significa excluir aqueles sem poder de compra, os pobres, relacionados então – de forma intelectualmente forçada e artificial – à violência entre torcidas.
- 37 Essa ojeriza a torcedores organizados chega a níveis alarmantes, como pode ser observado nos jogos do CRB, de Maceió. Torcedores organizados e não organizados têm acesso ao estádio com o mesmo ingresso, no mesmo setor de arquibancada. Apesar disso, cada um dos grupos fica de lados opostos no estádio e, logo antes do jogo começar, o lado onde se

encontra a TO é trancado. Como colocado por Flávio de Campos e Luiz Henrique Toledo, “cativas e cativeiros fazem parte do binômio que se representa em Maceió”<sup>11</sup>. Nota-se aí um preconceito de classe e um terror com relação aos torcedores organizados.

- 38 É falso afirmar que a violência entre torcidas é exclusividade de uma classe social ou então de uma sociabilidade de torcida organizada. Haja vista os confrontos entre torcedores em Copas do Mundo, com ingressos caríssimos e ambiente elitizado. É algo notável também que muitos dos membros de TOs são de classe média, aliás, em grande parte das vezes a classe média é maioria entre os organizados. Caso fora do recorte deste projeto, mas muito ilustrativo, foi aquele do escocês, torcedor do Celtic, que foi ver um jogo do Corinthians com a camisa verde do seu clube. Mesmo em um dos setores mais caros do estádio, cercado pela classe média e alta, foi hostilizado e obrigado a se retirar por estar usando uma cor “proibida”, já que é a mesma do arquirrival Palmeiras.
- 39 Importante ressaltar que os indivíduos são complexos e circulam por essas sociabilidades torcedoras de forma fluída: vimos na pesquisa de campo torcedores organizados que se dedicam integralmente ao clube durante a partida e no intervalo, cantando, tocando ou regendo a bateria, tremulando bandeiras, enfim. Mas vimos também esses mesmos torcedores explicando o confronto, justificando os embates físicos, reforçando a luta por reconhecimento que travavam, mas na grande maioria das vezes incluindo a polícia na equação<sup>12</sup>. A violência não acaba quando se elitiza o estádio, quando muito ela diminui por ocasião da abordagem diferenciada da polícia, muito mais pacífica, profissional e educada quando se relaciona com membros da elite, diferente da abordagem policial com grupos já estigmatizados.

## Lado A e Lado B

- 40 Simultâneo ao processo de formação das alianças entre torcidas organizadas, houve também um processo de divisão entre elas, típica da relação bélica e marcial estabelecida por parte de seus membros. Uma vez que alianças eram formadas, uma organizada assumia os rivais de sua aliada e a recíproca foi verdadeira. Construindo identidades entre torcedores de clubes e TOs diferentes, houve a cisão em dois lados bem definidos.
- 41 A rivalidade é uma identificação por assimetria, caso dos torcedores de um clube que se identificam entre si, mas são assimétricos ao rival (ou aos rivais). No caso das torcidas organizadas, há a identidade clubística, compartilhada por todos, organizados ou não, que torcem pelo mesmo clube, mas há também a identidade entre as TOs, que estabeleceram alianças e adotaram os rivais umas das outras. Nesse caso, a identificação por assimetria acontece mesmo que os clubes não se enfrentem com frequência, mesmo que os torcedores raramente se encontrem nas cidades, estradas e estádios.
- 42 Esse fenômeno de divisão binária, chamado de Lado A e Lado B, foi estudado no *Brasil na Arquibancada* por incluir torcidas que faziam parte, em 2012, das séries B e C. No Sudeste e Sul existem outras alianças como, por exemplo: União Punho Cruzado – Independente (São Paulo), Organizada Camisa 12 (Internacional), Jovem do Flamengo, Jovem do Sport. Há, como essa, a União Punho Colado, União Punho Cerrado, entre outras. Todas reúnem TOs em aliança e estabelecem, assim, rivalidades adotadas. As torcidas do Lado A e Lado B aparecem como agregadas nessas alianças, assim como torcidas de clubes menores, exemplo da Raça Tricolor do Paulista de Jundiaí.

- 43 O chamado Lado A inclui as TOs: Leões da TUF (Fortaleza), Jovem Garra Tricolor (Fortaleza), Mancha Azul (CSA-AL), Máfia Vermelha (América-RN), Trovão Azul (Confiança - SE), Bamor (Bahia), Inferno Coral (Santa Cruz), Jovem do Galo (Treze-PB), Jovem do Guarany (Guarany-CE), Motofolia (Moto Clube-MA) e Remoçada (Remo-PA).
- 44 Seguindo as rivalidades de cada uma dessas torcidas, seria possível deduzir o Lado B, que conta com: Cearamor (Ceará), Força Independente (Ceará), Jovem do Botafogo (Botafogo-PB), Comando Vermelho (CRB-AL), Garra Alvinegra (ABC-RN), Jovem Fanático (Náutico-PE) e Tubarões da Fiel (Sampaio Corrêa-MA).<sup>13</sup>
- 45 O Ceará é rival do Fortaleza, assim como o Paysandu é rival do Remo, o ABC do América, também como o Náutico rivaliza com o Bahia e o CRB com o CSA. Todos os primeiros são rivais, como notamos, assim como os segundos. A divisão é clara e segue uma lógica. Estruturadas dessa forma, as torcidas se confrontam mesmo contra alguma que não é sua arquirrival. A Cearamor, aliada da Garra Alvinegra, é capaz de combater fisicamente a Máfia Vermelha, aliada da Leões da TUF, por ser rival de uma aliada e aliada a um rival.
- 46 É uma ciranda de alianças no Norte e Nordeste que não só apenas gera brigas nos dias de jogo, como também aquece o confronto dentro do estádio, já que os torcedores organizados, como dito anteriormente, circulam pelas sociabilidades e, enquanto o jogo acontece, torcem com muito mais energia quando do outro lado está uma torcida rival.
- 47 As alianças, que criam amizades e rivalidades, temperos fundamentais para uma arquibancada, são formadas por aproximações do estereótipo ou das cores de cada clube. A TO de um time estereotipado como de elite, caso do América de Natal, se alia à de outros clubes com a mesma identidade construída, como a do Fortaleza e do Remo. Aquele time cuja identidade construída é de clube do povo, estabelece sua aliança através dessa identidade, como aconteceu com a Cearamor, Torcida Bicolor e Garra Alvinegra, TOs de Ceará, Paysandu e ABC respectivamente, clubes considerados da grande massa, do povão. Foi interessante a declaração de um dos puxadores (aqueles que regem a bateria da torcida) da Cearamor<sup>14</sup> que disse se considerar rival do Corinthians - já que sua sociabilidade de torcida organizada rejeita a bifiliação - mas que admira muito a torcida, não por acaso também considerada popular, uma torcida da massa pobre.
- 48 Outra aproximação acontece pelas cores dos clubes, os alvinegros tendem a se aliar aos alvinegros, os tricolores aos tricolores, os rubro-negros aos rubro-negros, os alviverdes aos alviverdes, e assim por diante. O caso da Torcida Jovem do Galo, do clube Treze de Campina Grande, é interessantíssimo: as cores do clube são o branco e o preto, portanto um alvinegro, mas a sua torcida é aliada à TUF, do tricolor (vermelho, azul e branco) Fortaleza, cujo arquirrival é também alvinegro, o Ceará. A solução veio da torcida mais forte, do clube mais forte, claro, a Leões da TUF, que fez a torcida do pequeno Treze se vestir de cinza, abandonando os trajes alvinegros. A ordem foi prontamente obedecida, mostrando manchas cinzas na arquibancada de Campina Grande, e a aliança foi consolidada com sucesso.
- 49 Se os clubes mais distantes do capital e do espetáculo da Série A emularam a violência das torcidas já estabelecidas dos grandes centros, é justamente nesse contexto de um futebol mais regional, com menos capital, menos cobertura da mídia, que aparecem torcidas organizadas parte de outros fenômenos, com outra luta por reconhecimento, que fogem a uma forma de torcer que se pensa hegemônica e que, de fato, ocupa muito mais espaço nas páginas da imprensa.

## Cangaceiros Alvinegros

- 50 Em uma cidade dividida entre Leões da TUF e Cearamor, aparece a torcida simpática e severa Cangaceiros Alvinegros. Simpática porque, sorridentes, negam o modelo do embate físico, do confronto entre rivais, preferindo fazer como fizeram em junho de 2012: um arraiá na arquibancada. Severa porque afirma, sem recuar, que não há motivo para um nordestino torcer por times do Sudeste, afirmando na fala, nas camisetas e nas bandeiras o “Orgulho de ser Nordeste”.
- 51 A luta por reconhecimento dessa torcida acontece no campo simbólico, não há nenhum grupo dentro dela que adote o enfrentamento físico. A torcida dos cangaceiros se veste com acessórios típicos, como o chapéu de couro, e prega o “Orgulho de ser nordestino”. Perguntados se torcem por algum outro clube, a resposta até ofendida é “Você já viu algum paulista ou carioca torcer pra time do Nordeste? Então por que eu torcer pra time do Sul?”. Os membros dessa torcida chegam a reprovar a postura de enfrentamento, por exemplo, da Cearamor, outra torcida organizada, que por sua vez se diz amiga “dos mais velhos” Cangaceiros Alvinegros, em tom claramente jocoso<sup>15</sup>.
- 52 Essa resistência regional é interessantíssima, também expressada pela já citada camisa “Eu escolhi meu time, a mídia escolheu o seu”. A grande mídia – cujos principais jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão são do Sudeste – prefere os clubes de campeonatos maiores e com mais torcida para transmitir jogos, cobrir a temporada, levar ídolos aos programas de televisão, às entrevistas da mídia impressa ou do rádio, enquanto os clubes menores ficam restritos à sua própria região, tendo ainda que, bem ou mal, disputar espaço com outras camisas.
- 53 É esse o contexto da camisa do torcedor que se orgulha de torcer pelo time local, e da torcida de Cangaceiros e de outras que, da mesma forma, levantam a bandeira da sua terra (ou pelos menos do clube de lá) se dizendo orgulhosos. Contra a pretensa uniformidade e homogeneidade buscada por alguns, que pretendem favorecer os grandes clubes em detrimento dos considerados menores, além de restringir o estádio aos mais abastados e brancos, com a falsa justificativa de que os pobres e torcedores organizados são violentos e indomáveis. A resistência ao modelo do Sul e Sudeste apareceu de diversas formas nos vários *Brasis*, foi até aqui analisada, mas merece um aprofundamento muito maior dentro da academia.

## Barra-bravas em Criciúma

- 54 “Sou Carvoeiro”. “Somente pelo Criciúma”. As faixas dependuradas no estádio Heriberto Hülse apontam para o exercício de constante afirmação identitária ao qual a torcida do Criciúma se dedica a cada partida de seu clube. Ao lado das faixas, cartazes relembram os títulos do clube, um para cada glória, e uma grande imagem de Luis Felipe Scolari, campeão da Copa do Brasil com o clube catarinense em 1991, decoram o estádio, sempre pintado em amarelo e preto e constantemente cheio<sup>16</sup>.
- 55 Cidade de pouco mais de duzentos mil habitantes, Criciúma tem um dos mais elevados IDHs do país e forte presença de imigração europeia. Anualmente, são celebradas a Festa das Etnias, que exalta a multiculturalidade da cidade (bem como reafirma os laços identitários da cidade com a Europa), e a Festa do Livro, que aponta para um nível

educacional elevado em Criciúma, relativamente ao quadro geral brasileiro. Não por acaso, a cidade possui três jornais principais, de larga circulação.

- 56 Clube da menor cidade a ganhar um título nacional no Brasil, o Criciúma E. C. foi fundado com o nome de seu bairro de origem, Comerciário, mas transformado em “da cidade” nos anos 70, com base em um projeto de criar um clube que representasse o município em âmbito nacional. A transformação consciente da agremiação com o propósito de ser a representação de uma comunidade dentro de uma esfera maior, substituindo e agregando as demais equipes que dividiam e povoavam o universo futebolístico da cidade, trouxe consigo seus próprios limites. Para que o clube cumprisse com o propósito de sua transformação, a identificação dos torcedores de futebol com a cidade seria condicionante. Os títulos, nacionais e estaduais, evidentemente criam um contexto de maior identificação entre torcedores e clube, alimentados pela rivalidade interna ao Estado de Santa Catarina – cujo contexto peculiar não garante hegemonia aos clubes da capital Florianópolis, permitindo forte oposição da parte das agremiações de outros centros regionais, como Criciúma, reforçados por uma economia descentralizada.
- 57 Entretanto, o caso do Criciúma aponta para o reforço do discurso cotidiano da identidade clubística pautado no orgulho regional e na diferenciação com relação às práticas torcedoras de seus rivais. A observação parece genérica e cabível a qualquer clube de futebol, mas a peculiaridade do Criciúma está no uso e fixação de imagens que dominam como poucos a paisagem do espaço do estádio, repleto de ícones e discursos que vão dos locais onde tradicionalmente as torcidas fixam seus adereços aos pontos mais inacessíveis do estádio. Com torcedores dependurados na cobertura do estádio, faixas lembrando as conquistas e os ídolos são fixadas. As fitas presas na cobertura são esticadas até o chão. Os guarda-chuvas coloridos e a bandinha marcial, com instrumentos de sopro metálicos, criam uma estética de torcida que não é comum no país. E não é mesmo seu objetivo parecer brasileira. Quando indagadas, os torcedores organizados deram sua explicação: eles são barra-bravas, sua torcida, “Os Tigres”, é inspirada na forma de se torcer dos argentinos.
- 58 Os cânticos perenes do pontapé inicial ao apito final, que não cessam independentemente do placar, e a ausência de palavras que remetam à própria torcida, priorizando apenas o nome do clube, foram descritas como as idiosincrasias d’Os Tigres, hegemônicas nos sons e no visual do estádio.
- 59 Mas, qual a motivação? Apenas a emulação de uma forma de torcer cada vez mais conhecida por meio dos espetáculos televisivos e pela internet? Talvez, mas no discurso oficial a motivação é clara: ser uma torcida mais “cultural”, em prol de uma identidade latino-americana, como descreveu Thiago, responsável pela banda d’Os Tigres. O contraste com as repetidas afirmações do orgulho regional do Sul Catarinense carvoeiro cria a justaposição de filiações identitárias. Mas, a pluralidade dos torceres tem seus limites claros. Se vestir a camisa latino-americana, a irmandade argentina da paixão pelo futebol, e o orgulho carvoeiro catarinense se complementam, a ostentação de qualquer ícone remetente a um segundo clube é duramente repreendida. Torcer apenas pelo Criciúma? “É evidente”, nas palavras de Aurélio, torcedor ao aurinegro. “Ter uma segunda preferência é normal, mas ela não pode entrar na casa do Tigre”.

## Mulheres em maioria: as arquibancadas de Florianópolis

- 60 Sabemos que nossa sociedade é estruturalmente racista, machista, heteronormativa e elitista. Somos educados dessa forma há séculos, e cabe a cada um vencer diariamente os impulsos preconceituosos. Nem todos o fazem, evidentemente, por isso as propagandas, a televisão, o mercado editorial, a imprensa, os esportes, a educação, todos os campos da sociedade são impregnados de ideias racistas, machistas, homofóbicas e elitistas. Da mesma forma, o futebol sofre de todos esses males. Com um agravante: a arquibancada não reflete esses preconceitos e opressões, ela reproduz. O que significa dizer que, sendo o fenômeno que é, com uma massa torcedora, o futebol reforça e replica os males da nossa sociedade estruturalmente podre.
- 61 Poucas coisas são mais claras e gritantes quanto o machismo no futebol. No projeto *Brasil na Arquibancada* houve terreno fértil para discussão específica desse tema. Os três grupos que compõem o campo esportivo do futebol, especialistas, torcedores e profissionais<sup>17</sup>, funcionam com a lógica machista. Um técnico de ponta recentemente disse, após uma bronca severa dada por ele em frente às câmeras a um de seus jogadores, que futebol “não é lugar de mulherzinha” – isso para não falar do pouquíssimo espaço para as jogadoras do futebol de mulheres, uma discussão que merece uma atenção maior do que esse artigo pode dar. O espaço do jornalismo esportivo também é restrito às mulheres, absoluta minoria no ramo, além de, quando contratadas, escolhidas pela beleza e carisma, como fossem enfeites nos programas e reportagens.
- 62 A torcida não foge à regra. O ritual do futebol é absolutamente masculinizado e machista. As arquibancadas contam com uma maioria de homens, grande parte deles sentindo-se donos do espaço; para estes, estádio é lugar “de macho”. Há, ainda bem, uma presença recorrente de mulheres. Encontramos, inclusive, percussionistas femininas em baterias de torcidas organizadas (caso da TO Imbatíveis, do Vitória da Bahia). Ainda assim, o ambiente criado faz com que as mulheres pareçam exceção, corpos estranhos em um ambiente exclusivamente masculino.
- 63 Com isso em mente, a torcida do Avaí Futebol Clube aparece como caso interessantíssimo de estudo. Na arquibancada deste clube, um dos grandes de Santa Catarina, se faz presente uma grande maioria de mulheres. Aliás, até a torcida organizada, geralmente masculinizada e fechada às mulheres (via de regra elas não têm permissão para viajar com o restante da torcida em jogos fora de casa), no caso do Avaí é composta majoritariamente por mulheres. Há diversas posições de liderança da Mancha Azul, torcida organizada em questão, ocupadas por mulheres, que levam também suas filhas ao estádio. Infelizmente, esse cenário é algo raríssimo no futebol, um caso à parte.
- 64 Houve relatos em Florianópolis que deram pistas para explicar a configuração dessa torcida. Os nativos disseram que na capital catarinense a mulher tem uma autonomia muito grande, grande liberdade sexual, a ponto de serem elas a “escolher os homens nos bares e baladas”<sup>18</sup>, além de ocuparem os cargos de chefia na maior parte das empresas. Importante para a análise são os diversos relatos de nativos dizendo que há mais mulheres que homens na cidade, o que é desmentido pelos dados do IBGE<sup>19</sup>.
- 65 Ainda que falsa, a informação nos ajuda a entender a sociabilidade de Florianópolis: se tantos nativos imaginam ser as mulheres a maior parte da população, é porque nas ruas,

no trabalho, na vida pública em geral, as elas estão presentes e ativas. Mesmo havendo um número total menor de mulheres com relação aos homens, a população feminina apresenta maior volume, maior exposição e dinamismo na vida pública, algo absolutamente improvável há algumas décadas.

- 66 Posto isso, é possível entender melhor a formação da torcida – tanto a organizada quanto a não organizada – do Avaí. O raciocínio machista das torcidas de futebol imagina a mulher torcedora de forma masculinizada, aquelas que ousam conhecer e acompanhar o esporte são vistas como “menos femininas”, “menos delicadas” – como se uma pessoa fosse obrigada por nascimento a ter tais características. Não é esse o caso dessa torcida: há mulheres com maquiagem e as unhas pintadas com as cores do clube, outras não, sem nenhum constrangimento; algumas estavam com a família, outras com um grupo de amigas, outras com namorados ou namoradas, algumas sozinhas. Não havia qualquer tipo de norma que regulasse a presença de mulheres no estádio, como acontece na maior parte das arquibancadas do Brasil. A presença de mulheres beirava a metade do contingente torcedor, na maioria jovens, na faixa dos 15 aos 25 anos, mas com presença de todas as faixas etárias. Trata-se, decerto, de um fenômeno recente, ligado a uma geração, e beneficiada pelo ambiente de um clube que não tem os vícios tão solidificados dos grandes clubes de massas de outras capitais.
- 67 Seria interessante estudar, pensando esse caso, outras arquibancadas tomadas por mulheres, outras torcidas com liderança feminina. Esse espaço não pode ser restrito e deve, isso sim, abrigar qualquer pessoa indistintamente, de forma absolutamente democrática. Se a torcida do Avaí tem uma presença ótima de mulheres, isso se deve muito por conta da sociabilidade da capital catarinense, muito mais do que pela sociabilidade torcedora. Precisamos saber, então, como conseguir esse feito em cidades sem a mesma característica.

## Torcidas em formação

- 68 Encerramos, então, com aquelas torcidas que parecem ainda procurar, construir, as suas próprias tradições, suas respectivas identidades, TOs que ainda procuram espaço entre as alianças. Houve clubes cujas torcidas ainda não têm completamente estabelecidos todos os aspectos comuns às torcidas analisados neste artigo, caso, por exemplo, das torcidas de Joinville Esporte Clube e Luverdense Esporte Clube. A primeira não sabe com certeza quem é o seu maior rival, não tem estabelecida nenhuma oposição clara. A segunda torce por um time muito jovem, de Lucas do Rio Verde, uma cidade de 31 anos localizada em Mato Grosso, onde não há nem ao menos uma identidade do cidadão luverdense completamente definida.
- 69 Há na torcida do Joinville<sup>20</sup> (também conhecido como JEC) uma manifestação bem particular: além das duas torcidas organizadas, cada uma de um lado do estádio, uma discordando da abordagem da outra, há ainda as torcidas familiares. São, literalmente, famílias que vão reunidas ao estádio, com duas ou três gerações juntas na arquibancada, torcendo e mostrando a cada uma delas uma bandeira com seu respectivo sobrenome – citando como exemplo as famílias Mazotto e Schmitt.
- 70 Se, como em outras torcidas estudadas, há uma sociabilidade torcedora diversa da hegemônica, caso das torcidas familiares, não foi possível discernir qual é o rival dessa torcida, tão recente se comparada a outras torcidas do país. Na etnografia realizada, uma

das torcidas organizadas apontou o Criciúma como maior rival, por conta dos dois clubes catarinenses serem do interior, seria então o clássico estadual fora da capital. A outra TO, talvez influenciada por confrontos recentes, apontou o Avaí como arquirrival. Uma das torcidas familiares chegou a apontar a Chapecoense como o grande rival do JEC. Alguns torcedores não organizados, cuja segunda camisa era o do Palmeiras, decretaram o Figueirense como rival, talvez pela cor alvinegra, como o Corinthians.

- 71 Outro indício de que a torcida ainda está em formação, procurando seu espaço, é que as torcidas organizadas ainda não estabeleceram suas alianças. Como explicado mais cedo neste artigo, há no Norte e Nordeste uma rede de alianças entre as torcidas organizadas que as divide nos chamados Lado A e Lado B, assim como também no Sul e Sudeste, com outros nomes. Uma das duas TOs do Joinville, a Independente, não estabeleceu ainda nenhuma aliança, apesar de levar o mesmo nome da torcida do São Paulo e do seu presidente atual declarar grande admiração pelo presidente da Dragões da Real (outra TO são paulina). A outra, União Tricolor, bem mais numerosa porque reuniu outras três torcidas em uma só, estabeleceu ainda em 2012 uma aliança bastante germinal com a TO Fanáticos, do Atlético Paranaense. Tão germinal que os atleticanos não se declararam aliados da União Tricolor, senão apenas bons amigos – o que isentaria a Fanáticos de qualquer responsabilidade com relação à nova TO do Sul.
- 72 Na arquivancada do Criciúma e do Joinville, para citar só dois exemplos, a identidade do clube se constrói sobre uma já consolidada e forte identidade local, de cidadão de uma mesma cidade, representada pelo clube. No caso do Luverdense, que representa a cidade de Lucas do Rio Verde-MT, nem mesmo os moradores do município partilham de uma mesma identidade local, já que a maioria é vinda de outros lugares do país. Fundada em 1982, a cidade tem muitos habitantes mais velhos que ela própria.
- 73 O Luverdense<sup>21</sup>, fundado em 2004, é um dos mais recentes clubes entre aqueles estudados pelo projeto – se desconsiderarmos aqueles que trocaram de cidade, já citados aqui, é de fato a agremiação com menos tempo de existência. A cidade se desenvolveu em torno da atividade ruralista produtora de soja. Um grupo de posseiros e colonos do interior de São Paulo que estavam fixos na região foram assentados naquela terra junto a centenas de famílias de sem-terra, assim formando a comunidade que deu origem a Lucas do Rio Verde. Hoje com cerca de 52.000 habitantes, a cidade é muito pequena e quase completamente formada por migrantes.
- 74 Com o desenvolvimento do agronegócio através das plantações de soja, Lucas do Rio Verde chega a produzir 1% dos grãos do país. Com isso a cidade enriqueceu, e isso é perceptível nas ruas, cheias de fazendeiros e seus familiares, com os pais e filhos do agrobusiness circulando com suas caminhonetes pelas ruas, comprando e vendendo quase exclusivamente com o uso de dinheiro em espécie. É essa a cidade que em 2004 fundou o Luverdense, com dinheiro suficiente para em 2010 já estar na Série C e em 2013 conseguir a classificação para a Série B de 2014.
- 75 Mesmo com um desempenho impressionante, alguns títulos estaduais e uma sequência de títulos na Copa Governador de Mato Grosso, não aparece na arquivancada quem diga torcer exclusivamente pelo Luverdense, todas têm em primeiro lugar algum outro time para torcer, demonstrando pelo Luverdense apenas alguma simpatia. O estádio em dia de jogo mostra algumas camisas do time da casa, mas o que se vê é um desfile de camisas dos grandes times do país: Vasco, Flamengo, São Paulo, Corinthians, Palmeiras, Santos, circulam tranquilamente, convivendo sem maiores problemas na arquivancada de Lucas do Rio Verde, afinal estão ali para torcer pelo clube que adotaram na mais nova cidade



que escolheram para morar, onde as tradições, identidades e sociabilidades ainda estão por ser construídas.

---

## BIBLIOGRAPHY

CAMPOS, Flavio de; TOLEDO, Luiz Henrique de. 2013. *O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora*. Revista USP, Brasil, n. 99, p. 123-138. ISSN 2316-9036. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/76307>>. Acesso em: 23 Jun. 2014. :<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i99p123-138>.

CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (orgs.). 2014. *Futebol objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya.

DA MATTA, Roberto. 2014. *Universo do futebol*. Rio de Janeiro, Pinakhoteka.

TOLEDO, Luiz Henrique de. 2002. *Lógicas no Futebol*. São Paulo: Hucitec.

## NOTES

1. A pesquisa foi realizada de forma coletiva pelo Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas (Ludens) e financiada pela Pró-Reitoria de Pesquisa da USP. Os pesquisadores deste trabalho foram: José Carlos Marques, José Geraldo Vinci de Moraes, José Renato de Campos Araújo (docentes), Enrico Spaggiari, Giancarlo Marques Carraro Machado, Luciana Ferreira Angelo (doutorandos), Giovana Capucim e Silva, Marco Lourenço, Maria Fernanda Silva Pinto, Maykell Araújo Carvalho, Max Filipe Nigro Rocha, Nelson Alves Caetano, Thiago Rosa Machado, Thomas Machado Monteiro (mestrandos), Amanda Macedo Fernandes, André Strauch Feres, Breno Costa Macedo, Bruno Jeuken Souza, Daniela Landini Santos, Kaio César Pereira, Karolyne Fonseca Camargo, Lúcia Nogueira Esteves, Marcelo Ricci, Victor Sá Ramalho Antônio, William de Carvalho Contini (graduandos), além do importante trabalho de William Maranhão, analista do Ludens.

2. CAMPOS, Flávio de; ALFONSI, Daniela (orgs.). *Futebol objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya, 2014.

3. Idem, p.33

4. Idem, p.28.

5. Premiação dada por uma vitória, classificação ou título. Um termo mais jurídico e asséptico seria uma “premiação por produtividade”.

6. Forma-representação é um conceito criado por Luiz Henrique de Toledo em sua tese de doutorado *Lógicas no Futebol (2002)*.

7. Flávio de Campos e Luiz Henrique de Toledo tratam da bifiliação em outro artigo sobre o projeto do qual falamos aqui. A partir dos relatórios da etnografia realizada pelos pesquisadores, eles traçam também um perfil da bifiliação no Brasil. CAMPOS, Flavio de; TOLEDO, Luiz Henrique de. *O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora*. Revista USP, Brasil, n. 99, p. 123-138, nov. 2013. ISSN 2316-9036. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/76307>>. Acesso em: 23 Jun. 2014. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i99p123-138>.

8. Etnografia realizada por Breno Macedo, Lucia Esteves, Victor Sá Ramalho, Bruno Jeuken Souza e Kaio César Pereira. Texto copidescado por Bruno Jeuken Souza.
  9. Etnografia realizada e sistematizada por Flávio de Campos e Luiz Henrique de Toledo. Texto copidescado por Bruno Jeuken.
  10. Etnografia realizada por Luciana Ferreira Angelo e Maykell Araújo Carvalho. Copidescado nesse artigo por Bruno Jeuken.
  11. CAMPOS, Flavio de; TOLEDO, Luiz Henrique de. O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora. *Revista USP*, Brasil, n. 99, p. 123-138, nov. 2013. ISSN 2316-9036. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/76307>>. Acesso em: 23 Jun. 2014. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i99p123-138>.
  12. Etnografia realizada por Breno Macedo e Bruno Jeuken Souza na arquibancada do Ceará Sporting Club no ano de 2012.
  13. Os dados aqui presentes são fruto da etnografia realizada na pesquisa de campo, coletados e sistematizados por André Feres, Victor Sá Ramalho, Breno Macedo, William Contini, Bruno Jeuken Souza, copidescados por esse último.
  14. Etnografia realizada por Breno Macedo, Bruno Jeuken Souza e Nelson Caetano. Texto copidescado por Bruno Jeuken Souza.
  15. Dados dessa etnografia foram coletados e sistematizados por Breno Macedo, Bruno Jeuken Souza, Nelson Caetano e Daniela Landini Santos. Texto copidescado por Bruno Jeuken Souza.
  16. Etnografia do Criciúma realizada e sistematizada por Victor Sá Ramalho Antônio e Lucia Esteves, copidescada por Victor Sá Ramalho Antônio.
  17. Fazemos uso aqui da divisão feita por Luiz Henrique Toledo no seu livro *Lógicas do Futebol* (TOLEDO, 2002). Os especialistas são os jornalistas e acadêmicos, os profissionais são todos aqueles que trabalham diretamente com o futebol, e há ainda o outro grupo, os torcedores.
  18. Etnografia realizada por Amanda Macedo, Bruno Jeuken, Max Rocha, André Feres e Victor Sá Ramalho. A citação é de um taxista nativo e fez parte do relatório dos pesquisadores.
  19. Pesquisa realizada no dia 20/06/2014, dados disponíveis no endereço <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?codmun=420540>>
  20. Etnografia realizada por Bruno Jeuken Souza e Victor Sá Ramalho Antônio, copidescada por Bruno Jeuken Souza.
  21. Etnografia realizada por Nelson Caetano e Kaio César Pereira, copidescada por Bruno Jeuken.
- 

## ABSTRACTS

Este artigo pretende apresentar e problematizar o projeto “Brasil na Arquibancada”, desenvolvido no último ano pelo NAP-LUDENS, o Núcleo Interdisciplinar de Apoio à Pesquisa sobre Futebol e Modalidades Lúdicas da USP. Por meio do trabalho de campo realizado nos estádios de futebol das séries B e C do Campeonato Brasileiro de Futebol, o grupo de pesquisadores do LUDENS se dedicou a estudar as torcidas de futebol, analisando criticamente o fenômeno e colocando sob questionamento ideias pré-concebidas acerca do tema.

This article aims to present and discuss the “Brasil na Arquibancada” project, developed last year by NAP-Ludens, the Interdisciplinary Center for Research on Football and Recreational Activities. Through fieldwork in football stadiums of series Band C of the Brazilian Football Championship,

the group of researchers dedicated to study soccer supporters, critically analyzing the phenomenon and putting under questioning preconceptions about theme.

## INDEX

**Palavras-chave:** etnografia, antropologia social, torcidas de futebol, identidades clubísticas, sociabilidade torcedora

**Keywords:** Ethnography, social anthropology, football supporters, club identities, supporters' sociability

## AUTHORS

### BRUNO JEUKEN SOUZA

Graduado em História pela USP, pesquisador do NAP-LUDENS desde 2012, estuda a criação do mito *futebol arte* durante a década de 30

### VICTOR SÁ RAMALHO ANTÔNIO

Mestrando em História pela USP, pesquisador do NAP-LUDENS desde 2012, pesquisa o desenvolvimento do rugby no Brasil